

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM PRIMEIROS SOCORROS: AÇÃO EXTENSIONISTA EM DIÁLOGO COM O SABER POPULAR E O CIENTÍFICO

EDUCATIONAL PRACTICES IN FIRST AID: EXTENSION ACTIVITIES IN
DIALOGUE WITH POPULAR AND SCIENTIFIC KNOWLEDGE

SUIANE COSTA **FERREIRA***. Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Docente da Universidade do Estado da Bahia.

REBECCA NEVES DOS SANTOS **RABELO**. Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia.

ADEMÁRIA SILVA ROCHA **FIGUEIREDO**. Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia.

NATHALIE SALES DOS **SANTOS**. Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia.

GABRIELA FURLANETTI DE PELEGRINI FREITAS DOS **ANJOS**. Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia.

*Endereço: Condomínio Vivendas do Rio, Edifício Leme, nº 6065, apt 1101, Paralela, Cep 41.730-101, Salvador, Bahia. E-mail: sucacosta02@gmail.com.

RESUMO

A extensão universitária propõe uma relação dialógica entre universidade e sociedade pautada na troca de saberes e construção coletiva de um conhecimento híbrido. Entendendo que a população em geral já possui algum conhecimento sobre os primeiros socorros, sustentado pelo saber popular, e que os estudantes de saúde possuem outro tipo de conhecimento sobre a mesma temática, este artigo busca relatar a experiência extensionista de oficinas educativas em primeiros socorros realizadas pela Liga Acadêmica de Emergências e Primeiros Socorros em escolas, creches e brinquedoteca a partir de uma perspectiva de diálogo entre os diversos saberes na busca por promover um ambiente de ação coletiva e criação de um novo saber que contribuirá para uma melhor ação diante dos acidentes com crianças. Foram realizadas cinco oficinas educativas discutindo temas como obstrução de vias aéreas por corpo estranho, parada cardiorrespiratória, afogamento, crise convulsiva, acidente com animais peçonhentos, queimaduras, intoxicações exógenas e traumatismos/hemorragias. A metodologia das oficinas tentou fugir do padrão tradicional de transmissão verticalizada do conhecimento por isso assumiu um processo coletivo de construção do conhecimento partindo sempre do diálogo entre o saber popular e as evidências científicas sobre primeiros socorros.

Palavras-chave: Educação. Extensão. Primeiros Socorros.

ABSTRACT

University extension activities propose a dialogical relationship between the university and the society marked by an exchange of popular knowledge and the collective construction of hybrid knowledge. With the understanding that the

population in general already has some first-aid knowledge, based on popular knowledge, and that the health students have another type of knowledge on this matter, this article aims to report the experience of extension activities in educational first-aid workshops performed by the First-Aid and Emergency Academic League in schools, daycares and playrooms from the perspective of dialogue between the different knowledge in the search for promoting and environment of collective action and the creation of new knowledge to contribute towards improved action in the face of accidents with children. Five educational workshops were carried out discussing themes such as airway obstruction by foreign bodies, cardiac arrest, drowning, seizures, accidents with venomous animals, burns, exogenous poisoning and traumatism/hemorrhages. The methodology of the workshops attempted to escape from the traditional standard of vertical transmission of knowledge and for this reason assumed the collection process of construction of knowledge, always based on the dialogue between popular knowledge and scientific evidence on first-aid.

Keywords: Education. Extension. First-aid.

INTRODUÇÃO

O conceito de extensão universitária ao longo da história das universidades brasileiras públicas passou por várias diretrizes conceituais. Da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade (SERRANO, s/a). Na busca pela superação das dimensões de prestação de serviços assistencialistas, a extensão universitária foi redimensionada com ênfase na relação dialógica entre universidade e sociedade, como oportunidade de troca de saberes e construção coletiva de um conhecimento híbrido.

Desse modo, Jezine (2004) afirma que o caminho a ser percorrido não é unilateral da universidade para a sociedade, mas pautado pela preocupação em auscultar as expectativas produzidas pela sociedade, bem como em valorizar o contexto em que as atividades se inserem, na busca de uma relação de reciprocidade, mutuamente transformadora, em que o saber científico possa se associar ao saber popular em um constante movimento dialético permeado pela realidade social.

Partindo desta perspectiva de extensão enquanto comunicação de saberes, a Liga Acadêmica de Emergências e Primeiros Socorros (LAEPS), ligada ao Departamento de Ciências da Vida na Universidade do Estado da Bahia, campus Salvador, decidiu investir em ações educativas que promovessem o diálogo entre a tradição popular e as indicações científicas, na perspectiva de construção coletiva de um saber-sobre e de um saber-fazer acerca dos primeiros socorros.

As Ligas Acadêmicas são organizações estudantis sem fins lucrativos que criam para seus membros oportunidades de atividades didáticas, científicas, culturais e sociais, abrangendo uma determinada área da saúde. São geridas pelos próprios estudantes, com orientação de docentes, e funcionam a partir do tripé pesquisa, ensino e extensão (AZEVEDO; DINI, 2006).

A escolha pela temática dos primeiros socorros partiu do princípio do convívio diário com um elevado número de acidentes e de violência no Brasil e da escassa discussão sobre esta temática fora do ambiente formal da saúde.

Os acidentes são a principal causa de morte de crianças e adolescentes na faixa etária de 01 a 14 anos no Brasil e, por isso, representam uma séria questão de saúde pública no país. Os dados do Ministério da Saúde apontaram que no ano de 2015 foram registradas 117 mil hospitalizações por acidentes em crianças de zero a 14 anos. Destas hospitalizações, 36% tiveram como causa acidentes de trânsito, 24% afogamento, 21% sufocação, 6% queimaduras, 5% quedas, 1% intoxicações e 7% estavam relacionados a outros acidentes (CRIANÇA SEGURA, 2015).

Apesar da maioria dos acidentes envolvendo crianças ocorrerem em casa, a escola é o segundo local com maior ocorrência desses agravos. No ambiente escolar, as pausas entre as aulas ou o horário de intervalo para lanche representam um momento de tempo livre no qual os alunos aproveitam para correr e brincar, o que pode desencadear acidentes de diversas ordens, além da presença da curiosidade natural das crianças que as expõe à situações de risco. A própria sala de aula também pode se caracterizar como um ambiente propício para acontecer acidentes seja pela utilização de equipamentos pontiagudos ou cortantes durante o processo de aprendizado, seja pelo perigo de uma cadeira estar próxima à janela ou pela própria estrutura física das salas que podem conter buracos, superfícies lisas ou escadas (LEITE *et al.*, 2013). Estes acidentes ocorrem com maior frequência em creches e pré-escolas, entre a faixa etária de 0 a 6 anos, fase em que a criança se encontra em constante descoberta dos objetos que estão ao seu redor (CABRAL; OLIVEIRA, 2017).

Diante deste contexto descrito, foi eleita como ação de extensão da Liga contribuir na produção de conhecimento sobre primeiros socorros juntamente com os profissionais que trabalham nas escolas, creches e brinquedotecas.

Os primeiros socorros podem ser definidos como os cuidados imediatos prestados rapidamente a uma pessoa, vítima de acidentes ou de mal súbito, cujo estado físico alterado põe em perigo a sua vida. Tem a finalidade de manter as funções vitais da vítima e evitar o agravamento de suas condições através de medidas e procedimentos, até a chegada do atendimento médico de urgência (BRANDÃO; FALCAO, 2010). As técnicas de primeiros socorros são indispensáveis às vítimas de agravos, fazendo a diferença entre o óbito e a continuidade da vida, e isso só é possível quando há pessoas capazes de conduzir a situação com serenidade e confiança até a chegada do serviço especializado (MANCINI; ROSENBAUM; FERRO, 2002). Estudos relatam a redução da morbidade e mortalidade em até 7,5% em situações de emergência pré-hospitalar se a primeira ajuda for prestada por leigos treinados (VERONESE *et al.*, 2010).

Entendendo que a população em geral já possui algum conhecimento sobre os primeiros socorros, sustentado pelo saber popular, e que os estudantes de saúde possuem outro tipo de conhecimento sobre a mesma temática, este artigo busca relatar a experiência extensionista de oficinas educativas em primeiros socorros realizadas pelos membros da LAEPS (professora e estudantes) em escolas, creches e brinquedotecas em uma perspectiva de diálogo entre os diversos saberes na busca por promover um ambiente de ação

coletiva que pressupõem mistura, hibridização e criação de um novo saber que contribuirá para uma melhor ação diante dos acidentes com crianças.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência produzido a partir das experiências vivenciadas com as oficinas educativas voltadas para primeiros socorros.

As oficinas extensionistas aconteceram em 2017 e 2018, em 02 creches, 01 brinquedoteca e 01 escola, localizadas nos municípios de Salvador e Lauro de Freitas (Bahia), sob a forma de oficinas teórico-práticas. Todas as práticas educativas foram desenvolvidas em instituições parceiras que se interessaram pela proposta e nos convidaram para realizar este momento educativo.

Inicialmente, a professora orientadora propôs que o grupo investisse na formação em primeiros socorros dos estudantes-ligantes para que os mesmos pudessem atuar frente aos principais acidentes que acometem as crianças e conduzir as oficinas de modo mais seguro. Este foi um processo formativo coletivo, onde tanto havia a intervenção da professora como dos próprios estudantes, democratizando assim o processo de ensinar e aprender (Figura 1).

Figura 1- Treinamento interno da Liga.



Fonte: os autores.

Após este processo de formação interna, a Liga entrou em contato com uma creche e propôs a realização da oficina educativa, a qual foi bem recebida.

Depois desse primeiro contato, houve indicações para que realizássemos esta ação nos outros cenários educativos.

Cada oficina foi metodologicamente subdividida em dois momentos. Inicialmente tínhamos um momento teórico de diálogo com todos os participantes, incluindo demonstrações das técnicas de primeiros socorros e apresentação de vídeos (Figura 2).

Figura 2 - Momento do diálogo teórico das práticas educativas Salvador- Bahia



Fonte: os autores

Em seguida, havia o momento prático onde eram montadas estações de treinamento para que todo o grupo interagisse realizando as práticas em bonecos-manequins ou simulação em um colega (Figura 2).

Toda a metodologia tentou fugir do padrão tradicional de transmissão verticalizada do conhecimento, o qual escolhe o que transmitir, como transmitir e que desconhece a visão de mundo dos que vão receber, e estes passam a ser sujeitos passivos no processo (FREIRE, 2006). Os ligantes e a professora optaram por assumir um processo coletivo de construção do conhecimento partindo sempre do diálogo entre o saber popular e as evidências científicas sobre primeiros socorros, onde todos assumiam o papel de co-autores do processo. Assim, como ensina Paulo Freire (2006), quebramos a verticalidade “coisificadora” onde um ator é sujeito e o outro objeto, para uma relação onde todos possam ser sujeitos atuantes, que agem e pensam criticamente.

Nas práticas educativas, utilizamos ainda como material didático as talas improvisadas com papelões, madeira, tecidos, garrafas entre outros materiais presentes no cotidiano dos participantes. A professora orientadora da Liga

esteve presente durante todas as atividades, contribuindo com a discussão, fazendo intervenções quando os alunos apresentavam alguma dificuldade.

Figura 3 – Momento prático das práticas educativas, Salvador- Bahia.



Fonte: os autores

Os temas abordados nas práticas educativas foram: Obstrução de vias aéreas por corpo estranho; Parada cardiorrespiratória; Afogamento; Crise convulsiva; Acidente com animais peçonhentos; Queimaduras; Intoxicações exógenas e Traumatismos/hemorragias. Todas as temáticas foram abordadas a partir do enfoque no atendimento à criança. Mas respeitando o desejo de diálogo dos participantes, nem todos os assuntos eram abordados nas oficinas. Cada encontro durou em média 04 horas.

As oficinas aconteceram nos sábados pela manhã devido aos compromissos acadêmicos curriculares dos estudantes durante a semana. Até o momento, foram realizadas 05 oficinas educativas com um total de 150 participantes.

DISCUSSÃO

Todas as oficinas educativas se desenvolveram nas escolas, creches ou brinquedoteca, pois entendemos que nestes ambientes conseguiríamos desenvolver momentos inclusivos e acolhedores, o que possibilitaria construir

contextos de diálogos tranquilos, permitindo a participação de todos, inclusive das vozes mais tímidas de alguns funcionários como os porteiros e a equipe da limpeza. Esta foi a nossa aposta para fomentar que uma diversidade de conhecimentos emergisse.

Durante o momento de diálogo teórico, procuramos trazer conceitos científicos alinhados com exemplos práticos de acidentes e agravos do cotidiano das escolas, o que estimulou a participação do grupo e, a partir disto, muitos compartilharam seus problemas reais vivenciados em distintos cenários escolares e não escolares, permitindo que pudéssemos identificar e trabalhar os conhecimentos equivocados e valorizar os corretos.

Ao longo do processo, nos preocupamos em nos posicionarmos como facilitadores da discussão, o que exigiu um longo período de preparo e discussão durante os encontros semanais para treinamento interno dos estudantes. Isso porque, ao mergulharmos no mundo das pesquisas acadêmicas, comprometidos com o ideal de multiplicar conhecimento e contribuir para a redução da mortalidade ou hospitalizações de crianças vítimas de acidentes, somos tomados pela ânsia de mostrar que nosso conhecimento pode ajudar muito. Segundo Carneiro, Krefta e Folgado (2014), a pior coisa é um pesquisador que deseja ajudar a todo custo, porque normalmente quer ajudar nos seus próprios termos, desconsiderando a construção coletiva. Então, nosso esforço foi o de falar, mas principalmente o de escutar.

A cada temática trazida para o debate, os participantes descreviam o seu modo de atuar diante do acidente a partir das suas crenças populares, como, por exemplo, a de colocar manteiga ou creme dental nas queimaduras; dar leite para resolver casos de intoxicação exógena por ingestão de plantas; ou ainda pressionar um “galo na cabeça” (hematoma) com uma colher ou faca.

Tivemos sempre o cuidado de não desqualificar o saber popular, passado de geração em geração nas famílias, mas levantamos questionamentos sobre esse fazer, o que trazia de benefício e de malefício, além de descrever as evidências científicas. Enfatizamos a importância de alterar algumas práticas que podem contribuir para a piora da vítima, explicando porque são prejudiciais e demonstrando uma adaptação desta prática popular ao preconizado pelo saber científico. Contudo, técnicas de primeiros socorros embasadas na cultura popular que não possuíam contraindicação foram respeitadas e incentivadas seu uso concomitante às práticas aprendidas nas oficinas de primeiros socorros. Esta postura ética adotada pela Liga de não marginalizar as diversas formas de saber se baseia no fato de acreditarmos que o saber não está restrito à academia, à ciência, mas surge do diálogo entre a ciência e a sociedade.

Não desejamos reproduzir o processo de invisibilidade pelo qual passa o saber popular. Ao contrário, a partir do diálogo entre os diversos saberes teóricos e práticos de todos os envolvidos nas oficinas de primeiros socorros, rompemos com a monocultura de um só saber. Para Carneiro, Krefta e Folgado (2014), está aí a Ecologia de Saberes, que valoriza os outros saberes produzidos para além dos muros das universidades.

O objetivo principal da Liga não era o de transmitir conhecimento, mas sim o de construí-lo coletivamente com todos os participantes. Após as oficinas, alguns ligantes descreveram para a professora orientadora que aprendem coisas novas a cada encontro, a cada momento de troca.

Após esta discussão mais teórica, normalmente, vem o momento do intervalo para o lanche, que serve não apenas para o ato de alimentar-se mas também de socialização. Muito comum nesses momentos os membros da Liga e os participantes iniciarem conversas leves sobre acidentes “engraçados” que já vivenciaram, alguns esclarecem dúvidas que a timidez impediu de falar no coletivo, surgem convites para realização de oficinas em outros locais.

Retomando a oficina, o segundo momento consiste na realização da prática relacionada aos assuntos já anteriormente discutidos, para que todos os participantes desenvolvam habilidades ao executar corretamente as técnicas de primeiros socorros. São praticadas diversas técnicas como a Manobra de Heimlich, compressões torácicas, identificação de pulso e de movimentos respiratórios, contenção de sangramento, imobilização de membros, bandagens, entre outros. Com isso foi possível visualizar o interesse, entusiasmo e a preocupação dos participantes em estarem executando as práticas de maneira correta para agirem diante das situações de forma adequada.

Ao final de cada encontro houve uma avaliação rápida com feedback positivo dos participantes. A aceitação da atividade foi perceptível quando alguns participantes solicitaram o contato da Liga para que houvesse o agendamento de novos momentos de formação em primeiros socorros em outras creches, assim como em escolas e outros locais de trabalho. Outro movimento notado foi o número significativo de participantes que passaram a seguir as postagens da Liga em nossas redes sociais.

Desse modo, frente ao contexto atual de acidentes no Brasil, a LAEPS vem atuando de modo estruturado, através de ações extensionistas, no fortalecimento de uma cultura dos primeiros socorros em locais extramuros da universidade, capacitando pessoas e principalmente contribuindo para uma construção coletiva entre o saber popular e o saber científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta ação de extensão demonstrou que os diversos profissionais envolvidos na educação infantil necessitam de orientação sobre as técnicas de primeiros socorros, visto que embora trate de uma terapêutica presente no cotidiano desses sujeitos o momento de estresse vivenciado pode interferir e conduzir a ações equivocadas.

As práticas educativas intensionistas realizadas nas creches, escolas e brinquedoteca proporcionaram uma troca mútua de conhecimentos e diálogo horizontal de suma importância para construção do conhecimento e da aprendizagem, não só dos profissionais da educação, mas também dos membros da Liga, o que possibilitou o olhar para além dos limites da prática técnica, estimulando a criatividade no ensinar-aprender em primeiros socorros.

A metodologia escolhida, baseada em momentos teóricos e práticos entrelaçada com as discussões do saber popular, conferiu dinamismo, implicação e interação nas discussões, contrariando modelos educativos tradicionais que trabalham apenas com a verticalização de conteúdos. As oficinas permitiram uma maior aproximação com os participantes, estabelecendo-se um elo de confiança entre a comunidade e os extensionistas. Esta metodologia proporcionou ainda o desenvolvimento de uma atuação com

maior segurança e tranquilidade diante de situações de urgência emergência e a realização de ações eficazes.

Para os estudantes que compõem a Liga, responsabilizar-se por ações extensionistas de educação em saúde, e ao mesmo tempo ser sujeito em formação neste processo, contribui no desenvolvimento do senso crítico, da responsabilidade, da comunicação, do aprender a trabalhar em coletivo e do raciocínio científico por ampliar o conhecimento teórico-prático na troca com outros sujeitos.

Além disso, contribuir de algum modo para o diálogo entre o saber científico e o saber popular frente às situações de emergência, muitas vezes colaborando diretamente para salvar vidas, é algo extremamente gratificante e estimulante para todos os membros da LAEPS.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R.P.; DINI, P.S. **Guia para construção de Ligas Acadêmicas**. Ribeirão Preto: Assessoria Científica da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina, 2006. Disponível em: <<http://www.daab.org.br/texto.asp?registro=157>>. Acesso em: 25 de junho de 2018.
- BRANDÃO, J.C.M.; FALCÃO, L.F.R. **Primeiros socorros**. São Paulo: Martinari, 2010.
- CABRAL, E.V.; OLIVEIRA, M.F.A. Primeiros socorros na escola: conhecimento dos professores. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 10, n.1, p. 175-186. 2017.
- CARNEIRO, F.F.; FREFTA, N.M.; FOLGADO, C.A.R. A práxis da ecologia de saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Revista Tempus**, v.8, n.2, p.331-338.2014.
- CRIANÇA SEGURA BRASIL. **Relatório institucional 2015/2016**. São Paulo: 2015.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 13ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006
- JEZINE, E. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária Área Temática de Gestão da Extensão**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.
- LEITE, A.C.Q.B. et al. Primeiros socorros nas escolas. **Revista Extendere**, v.2, n.1, p.61-70. 2013.
- MANCINI, H.B.; ROSENBAUM, J.L.; FERRO, M.A.C. **Organização de um serviço de primeiros socorros em uma empresa**. Especialização (Monografia). Faculdade Estácio Sá, Campo Grande, 2002.

SERRANO, R.M.S.M. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: <http://files.crystine-tanajura.webnode.com/200000021-e6560e752b/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 10 agost. 2018

VERONESE, A.M. et al. Oficinas de primeiros socorros: relato de experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.31, n.1, p.179-182. 2010.